



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MARIA APARECIDA DA SILVA JANUARIO

IMPACTO DA PANDEMIA EM ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA

**CAMPINA GRANDE
2022**

MARIA APARECIDA DA SILVA JANUARIO

IMPACTO DA PANDEMIA EM ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

J33i Januario, Maria Aparecida da Silva.
Impacto da pandemia em estudantes de escola pública
[manuscrito] / Maria Aparecida da Silva Januario. - 2022.
18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia ,
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Pandemia. 2. Ensino remoto. 3. Isolamento social. 4.
Escolarização. 5. Saúde mental. I. Título

21. ed. CDD 371.3

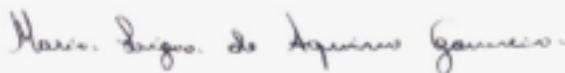
MARIA APARECIDA DA SILVA JANUARIO

IMPACTO DA PANDEMIA EM ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: 24/ 03/2022.

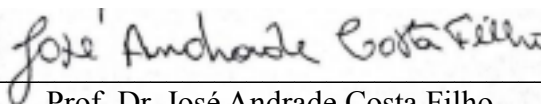
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Andrade Costa Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO	6
2.1 Contexto brasileiro da educação pública	6
2.2 Psicanálise, educação e o sujeito na escola	9
3 METODOLOGIA	11
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	14
REFERÊNCIAS	15
APÊNDICE A- Dados e Questões da entrevista	17

IMPACTO DA PANDEMIA EM ESTUDANTES DE ESCOLA PÚBLICA

Maria Aparecida da Silva Januario¹

RESUMO

A pandemia pela Covid-19 rompe a vida cotidiana em curso anteriormente, colocando as instituições e pessoas em uma abrupta descontinuidade e demandas de adaptações. Para controle do contágio, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e demais instituições sanitárias, recomendaram o protocolo mundial do distanciamento social e períodos de isolamento social em momentos críticos. As instituições educacionais inicialmente foram fechadas e depois tiveram que aderir ao uso de ferramentas tecnológicas para retomarem as atividades escolares de modo remoto. As instituições passaram a aplicar diferentes estratégias na tentativa de garantir a continuidade do processo de escolarização de forma remota. Diante desse impacto decorrente da pandemia pela Covid-19 este artigo objetivou acessar discursos de alunos do ensino fundamental de uma escola pública sobre o impacto da pandemia na vida e no processo de escolarização. Foi realizada uma pesquisa de campo, de base qualitativa, desenvolvida de forma virtual, através de entrevistas com 13 estudantes do ensino fundamental de uma escola pública do município de Campina Grande- PB. Foi utilizada a análise do discurso à luz da Psicanálise em Freud e Lacan. Os resultados apontaram dificuldade de concentração, sentimento de atraso acadêmico, ansiedade, a presença de muito barulho no ambiente doméstico e falta de rotina e dificuldade para assistir às aulas. Também foi relatado a precariedade de acesso a ferramentas tecnológicas para os alunos assistirem às aulas. Em relação a comunicação com os professores, muitos adolescentes se sentem envergonhados em participar das aulas remotas, não ligam as câmeras e quando participam da aula é através do Chat. Diante dessa difícil experiência escolar e com a proximidade do possível retorno presencial, a escola está convocada sobre muitos outros aspectos, além daqueles que já se faziam problemáticos em sua realidade. Assim, será importante abrir espaço para o dizer não só dos alunos, mas de toda comunidade escolar, no sentido de descobrir, com base nas variadas posições subjetivas impactadas pela pandemia, caminhos de acolhimento, compensações e implicações para retomar e conduzir o processo de escolarização, com atenção a saúde mental.

Palavras-chave: Pandemia. Ensino remoto. Isolamento Social. Escolarização. Saúde mental.

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic disrupts previously ongoing daily life, putting institutions and people in an abrupt discontinuity and demands for adaptations. To control the contagion, the World Health Organization and other health institutions recommended the global protocol of social distancing and periods of social isolation at critical times. Educational institutions were initially closed and after a while they had to adhere to the use of technological tools to return remotely with school activities. Institutions began to apply different strategies in an attempt to ensure the continuity of the schooling process remotely. In view of this impact resulting from the Covid-19 pandemic, this article aimed to access discourses of elementary school students from a public school about the impact of the pandemic on life and on the schooling process. A

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. maria.januario@aluno.uepb.edu.br

qualitative field research was carried out, developed in a virtual way, through interviews with 13 elementary school students from a public school in the city of Campina Grande-PB. Discourse analysis was used in the light of Psychoanalysis by Freud and Lacan. The results showed difficulty in concentrating, feeling of academic delay, anxiety, the existence of a lot of noise in the home environment, lack of routine and the difficulty attending classes. The precariousness of access to technological tools for students to attend classes was also reported. Regarding communication with teachers, many teenagers feel embarrassed to participate in remote classes, they do not turn on the cameras and when they participate in the class it is via chat. Facing this difficult school experience and with the proximity of the possible return of face-to-face classes, the school is called on many other aspects, in addition to those that were already problematic in its reality. Thus, it will be important to open spaces for the saying not only of the students, but of the entire school community, in order to figure out, based on the various subjective positions impacted by the pandemic, ways of welcoming, compensations and implications for conducting and returning of the schooling process, paying attention to mental health.

Keywords: Pandemic. Remote teaching. Social isolation. Schooling. Mental health.

1 INTRODUÇÃO

O projeto de educação de um país caminha atrelado ao projeto de sociedade do mesmo. Nesse sentido, a política pública da educação instrumentaliza a formação da sociedade, representando a perspectiva de cidadãos que se quer formar. O Brasil passou por muitas transformações em termos de projeto de sociedade, considerando o recorte do Brasil república, essas transformações podem ser identificadas desde a sua proclamação em 1889 até os dias atuais. Várias fases foram passadas, inclusive a de um regime militar, entre 1964 e 1985, demarcando uma importante mudança até os dias atuais.

Durante o período de ditadura militar muitos movimentos sociais foram se constituindo e ganhando força em vários campos de discussões de direitos, levando a uma grande pressão social pelas “Diretas já”, para realização de eleições presidenciais, objetivo que foi conquistado. Assim, a partir de 1985 a democratização do país foi se instituindo, marcada pelas eleições presidenciais. Nesse contexto foi promulgada, em 1988, uma nova constituição com um projeto democrático de sociedade.

Assim, a cada fase do Brasil república foi instituída uma política educacional, da sua proclamação até os dias atuais. Em um processo dialético, mudanças sociais e culturais, mudanças políticas e institucionais caminham e caminham em um movimento complexo.

Apenas em meados do século XX se iniciou a expansão da educação básica no Brasil, mais expressivamente entre os anos 70 e 80. A partir dessas décadas muitas mudanças ocorreram em termos das políticas educacionais, destacando-se, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (1996), o Plano Nacional da Educação - PNE (2014) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017). Entretanto, no plano das configurações educacionais, no Brasil, ainda não foi implementada uma política pública educacional que abarque a real possibilidade de superação de problemáticas questões sociais, das diferenças culturais e das desigualdades econômicas.

Agravando ainda mais a situação da escolarização no Brasil, diante das precárias condições em que ela acontece ao longo da história, marcada pela desigualdade econômica, o problemático acesso à tecnologia, a informação e profissionalização, surge, em março de 2020, uma pandemia pelo Coronavírus. Esse vírus surge sem o domínio da comunidade científica sobre seus efeitos nos humanos, e também, sobre o tratamento daqueles que foram

contaminados. Mas logo foi percebido o alto poder de transmissão do vírus, os impactos graves da doença dele decorrente, denominada Covid-19 e os altos índices de mortalidade.

Nesse contexto, o medo de contaminação e inseguranças de várias naturezas foram instauradas na vida das pessoas em todo o mundo. A pandemia pela Covid-19 rompe, em todos os aspectos, o curso da vida cotidiana, colocando as instituições e pessoas em uma abrupta descontinuidade e demandas de adaptações. Para controle do contágio, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e demais instituições sanitárias, recomendaram o protocolo mundial do distanciamento social, períodos de isolamento social em momentos críticos, o uso de máscaras e higienização, com sabão ou álcool em gel, das mãos e dos ambientes. Com as medidas de distanciamento social, as instituições educacionais aderiram ao uso de ferramentas tecnológicas para retomarem as atividades escolares de modo remoto (Ferguson et al., 2020).

O uso de meios remotos combinados a condições precárias da escola pública brasileira impactou a realidade de muitos estudantes e famílias. O difícil acesso às ferramentas - computadores, *tablets*, *smartphones* -, as difíceis condições de vida, os pequenos ambientes domiciliares, as tensões e conflitos familiares no isolamento, foram alguns dos fatores importantes dessa realidade. Nesse contexto levanta-se a questão: Quais os impactos da pandemia na vida e na escolarização dos estudantes? Para responder a essa pergunta foi realizada uma pesquisa qualitativa com estudantes do ensino fundamental de uma escola pública. Destaca-se a importância desse estudo na direção de escutar o que dizem estudantes de uma escola pública sobre seu processo educacional durante a pandemia pela Covid-19.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Contexto brasileiro da educação pública

Inicialmente no século XX o Brasil compreendia altos níveis de analfabetismo, o que originou uma forte repercussão sobre a expansão da escolarização, ocasionando questionamentos entre as pedagogias tradicional, escolanovista e libertária (MARTINS 2010). Sobre esse contexto de transformações na conjuntura brasileira, ocorreram nas duas últimas décadas do século XIX transformações significativas nos planos econômico, político, social, cultural e educacional no país (SAVIANI 2004).

Nesse cenário, no que se refere à construção da educação pública no país, Saviani (2004) apresenta em duas fases: a primeira engloba os períodos da pedagogia jesuítica (1549-1759); as Aulas Régias, instituídas pela reforma pombalina (1759-1827) e as primeiras tentativas de organização da educação como responsabilidade do poder público do governo imperial e das províncias (1827-1890). Seguindo, a segunda fase tem início em 1890 com a implantação dos grupos escolares, que teve como iniciativa a organização das escolas primárias, o que é equivalente à atual composição dos quatro primeiros anos do ensino fundamental. Porém, esse ajuste não representou uma ampliação da educação para a população de forma geral, mas indicou a construção de uma escola oportuna para as elites (SAVIANI 2004).

Dentro dessa perspectiva, no início na década de 1920, a classe popular foi integrada na proposta de um ensino primário inicial de dois anos, gratuito e obrigatório, se desdobrando à garantia de universalização da alfabetização. No entanto, foram apresentadas diversas problemáticas, como somente o ensino primário gratuito, não se estendendo a outras etapas do ensino. Assim, a proposta de expandir a educação era limitada e não se caracterizava devidamente como um investimento. Nesse sentido, a reforma paulista torna-se uma referência inicial de uma educação que revela um interesse na expansão quantitativa, sem considerar a qualidade do ensino (CAVALIERE, 2003).

Dessa forma, a universalização nem mesmo da escola primária foi assegurada para todas as crianças brasileiras, ou seja, um traço recorrente das políticas educacionais brasileiras: incorporação de princípios democráticos que não chegam a ser postos em prática. A Constituição de 1946, por outro lado, previu, pela primeira vez, a elaboração de uma lei específica para a educação brasileira: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que viria a ser aprovada apenas em 1961 (SAVIANI, 2004).

No que diz respeito à educação brasileira, a pedagogia libertária constitui uma importante referência para reflexão no campo da educação. No início do século XX provocou um debate sobre o preocupante problema do analfabetismo, compreendendo importante estratégia de luta para os trabalhadores, trazendo um novo caminho à pedagogia tradicional vigente. Assim, esse período foi marcado por um intenso tumulto político-social e buscou novos paradigmas para refletir sobre o pensamento educacional brasileiro, na contemporaneidade (MARTINS 2010).

A década de 1920 foi marcada por uma intensa discussão e elaboração intelectual acerca do ensino, que apontou os rumos da educação nas décadas posteriores. Assim, foram introduzidas as primeiras alterações feitas nos sistemas escolares estaduais – as modificações da nova escola primária, o movimento da reforma paulista, que estruturou uma elevação intelectual e moral de amplas camadas da população. Desse modo, foi a partir da década de 1920 que ocorreu uma importante expansão da escolarização no Brasil, com a crescente percepção da importância da sua extensão (PATTO, 1996)

No período entre 1930 e 1960, ocorreram mudanças estruturais que refletiram diretamente sobre a construção de um sistema nacional de educação pública. No projeto estrutural, o Brasil vivenciava uma transição caracterizada pelo aceleração do modo de produção capitalista, gerando transformações superestruturais, expressamente na configuração escolar. Em termos políticos, o período está compreendido entre dois processos vinculados à transição de um modelo econômico agrário-exportador para industrial-urbano: a Revolução de 1930 e o golpe de Estado de 1964 (BITTAR & BITTAR, 2012).

A política educacional da ditadura militar, implantada em 1964, por meio de um golpe de Estado, provocou mudanças estruturais na história da escola pública brasileira.

A consolidação da sociedade urbano-industrial durante o regime militar transformou a escola pública brasileira porque na lógica que presidia o regime era necessário um mínimo de escolaridade para que o País ingressasse na fase do “Brasil potência”, conforme veiculavam slogans da ditadura. Sem escolas isto não seria possível. Entretanto, a expansão quantitativa não veio aliada a uma escola cujo padrão intelectual fosse aceitável. Pelo contrário: a expansão se fez acompanhada pelo rebaixamento da qualidade de ensino, segundo a maioria dos estudiosos (BITTAR & BITTAR, 2012).

Nesse contexto, a ditadura militar, estruturada em um pensamento autoritário, exacerbou o papel da escola como aparelho ideológico do Estado. Esse período empreendeu a expansão quantitativa da escola que, por sua vez, não veio acompanhada das condições fundamentais para propiciar a aprendizagem aos alunos e para cumprir, portanto, a sua função essencial.

Com o processo de redemocratização, nos anos 1980, o acesso à escola para todos veio à tona e teve de enfrentar a contradição entre, de um lado, a luta por uma educação emancipatória e integral e, de outro, uma visão mercadológica submetida às determinações da economia, expressas nas propostas das políticas oficiais para educação. A partir da promulgação da Carta Magna de 1988, a chamada Constituição Cidadã e da LDB n.9.394/96, o processo de democratização da educação pública teve avanço significativo, com o reconhecimento dos direitos e conseqüente extensão do acesso da classe popular à educação escolarizada, porém, não tornou-se uma garantia de qualidade (DAVID, 2015).

Nessa perspectiva, os índices educacionais ainda sinalizam graves problemas, gerando uma reflexão sobre as consequências não superadas pelas políticas educacionais adotadas ao longo das últimas décadas. O analfabetismo é um problema estrutural no Brasil. Os dados de 2019 indicam que 11,3 milhões de pessoas acima de 15 anos de idade não sabem ler nem escrever, o equivalente a 6,8% para esta faixa etária. A taxa de analfabetismo para homens de 15 anos ou mais de idade foi 7% e para mulheres, 6,6% (PNAD, 2019).

No Brasil, em 2019, 56,4 milhões de pessoas frequentavam escolas ou creches. Entre as crianças de 0 a 3 anos, a taxa de escolarização foi 35,6%, o equivalente a 3,6 milhões de estudantes. Fazendo uma comparação ao ano de 2018, a taxa de escolarização das crianças de 0 a 3 anos aumentou 1,4 p.p., mas se comparado a 2016, esta taxa cresceu 5,2 p.p.. Entre as crianças de 4 a 5 anos, a taxa foi de 92,9% em 2019, frente aos 92,4% em 2018, totalizando pouco mais de 5 milhões de crianças. Já na faixa de idade de 6 a 14 anos, a universalização, desde 2016, já estava praticamente alcançada, chegando a 99,7% das pessoas na escola em 2019 (PNAD, 2019).

De forma geral, percebe-se que as crianças de 6 a 10 anos se mantêm adequadamente na idade/etapa correta nos anos iniciais do ensino fundamental, porém ao passar para os anos finais, o atraso começa a acentuar. Em 2019, 12,5% das pessoas de 11 a 14 anos de idade já estavam atrasadas em relação à etapa de ensino que deveriam estar cursando ou não estavam na escola. Esse percentual foi ainda maior para os homens (14,2%) e se diferenciou muito entre as Grandes Regiões – no Norte, 18,8%, e no Sudeste, 9,2% (PNAD, 2019).

As pessoas de 18 a 24 anos de idade são aquelas que idealmente estariam frequentando o ensino superior, caso completassem a educação escolar básica na idade adequada. Contudo, como visto anteriormente, o atraso e a evasão escolar estão presentes tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Consequentemente, muitos jovens entre 18 e 24 anos já não frequentavam mais a escola e alguns ainda estavam frequentando as etapas da educação básica obrigatória (PNAD, 2019).

Agravando ainda mais o cenário da educação, em dezembro de 2019, surge um novo vírus, o SARS-CoV2 ou “novo coronavírus”, que foi, posteriormente, batizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de Covid-19. Assim, em março de 2020, com a pandemia, uma série de medidas oficiais foram tomadas pelo governo e traçadas estratégias pedagógicas no contexto da Educação Básica pública.

A pandemia afetou todos os níveis e modalidades da educação. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 99,3% das escolas brasileiras suspenderam as atividades presenciais, sendo que 90,1% não retornaram às atividades presenciais no ano letivo de 2020 – 98,4% da rede federal, 97,5% das escolas municipais, 85,9% das estaduais e 70,9% das privadas. Esses dados compõem o relatório “Resposta educacional à pandemia de COVID-19 no Brasil” (2021), fruto de um questionário suplementar aplicado entre fevereiro e maio de 2021 como parte da segunda etapa do Censo Escolar 2020. No total, 168.739 escolas responderam ao questionário, percentual que corresponde a 97,2% (134.606) e 83,2% (34.133) das redes pública e privada, respectivamente. Segundo o Inep, o objetivo era identificar as ações adotadas pelas escolas brasileiras diante da necessidade de medidas de enfrentamento à disseminação do novo coronavírus.

Os dados do relatório indicam, ainda, que 98% das escolas do país adotaram estratégias não presenciais de ensino, viabilizadas pela Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, que dispunha sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durasse a situação de pandemia do Novo Coronavírus, e pela Medida Provisória n.º 934, de 1º de abril de 2020, que estabelecia normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior, decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública, e dispensava-se, no ensino de educação básica, em caráter

excepcional, a obrigatoriedade da observância do mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, assim como no Art. 2º em que se definia que as instituições de educação superior estavam dispensadas, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho acadêmico.

Diante desse contexto pode-se perguntar: Quais impactos da pandemia na vida e escolarização de estudantes? Nesse sentido, coloca-se a importância da escuta do discurso do sujeito que experiencia esse processo. Para abordar os discursos dos sujeitos será utilizada a teoria psicanalítica em Freud e Lacan.

2.2 Psicanálise, educação e o sujeito na escola

À medida em que a modernidade tem avançado, novos desafios têm sido postos no processo de significação da vida e das instituições. No contexto da educação muitos impasses têm se presentificado. Especialmente na educação pública, como já foi pontuado no tópico anterior, inúmeras problemáticas de ordens de desigualdades econômicas e diferenças culturais se arrastam por séculos até os dias atuais. O contexto pandêmico pela Covid-19 manifestou agravamentos em que já se fazia um grande desafio para estudantes, professores e gestão escolar.

No contexto da escola pública, especificamente do ensino fundamental, foco do presente estudo, os desafios são configurados, além das muitas questões já elencadas, em torno do processo de transição da infância para a adolescência. Freud (1905/1972), a partir de seus estudos, colocava que na puberdade, o sujeito é convocado, de forma marcante, a lidar com sua incompletude e com as perdas e transformações marcadas no próprio corpo, do luto das fantasias infantis e dos pais da infância, além da convocação da posição diante do sexual. A puberdade exige novas identificações, novas escolhas, a ocupação de novos lugares e o púbere terá que construir um novo saber e posição diante do que se impõe.

Na contemporaneidade, pesquisas apontam para um grande sofrimento mental em adolescentes. Segundo Silva e Pacheco (2020), a maioria dos casos de sofrimento mental são identificados em ambiente escolar e as mudanças percebidas no adolescente é um fator facilitador desta identificação tornando a escola um tipo de porta de entrada para a saúde mental. Nesse sentido, com a pandemia, as demandas subjetivas somaram um peso ainda maior, e as consequências na vida e na escolarização dos estudantes, coloca-se como uma problemática importante de ser abordada.

A instituição escolar privilegia o viés da cognição em um sentido mais amplo, já a subjetividade do aluno não costuma ocupar um lugar de importância (SANTOS, SADALA, 2013). Temas como sexualidade, suicídio, automutilação, problemas familiares, *bullying*, surgem no cotidiano nos discursos de adolescentes no contexto escolar. A adolescência é marcada por crises de identidade, desenvolvimento da sexualidade, escolha profissional, busca por identidade, autonomia e novos papéis sociais, mudanças hormonais, físicas e emocionais, além de conflitos familiares que podem surgir (ALVES, 2008).

Em um panorama mundial, o suicídio de jovens de 15 a 29 anos fica atrás somente de acidentes automobilísticos. Nesse contexto, considera-se que para cada suicídio cometido há inúmeras tentativas não registradas nas pesquisas epidemiológicas. A questão do suicídio pode ser explorada sob distintas perspectivas, entre elas, a sintomatologia psiquiátrica, que usualmente identifica na depressão, à significação de falência pessoal e social diante de uma determinada vida, que não deseja ou não está se sustentando em curso de vida (ROSSI, 2019).

A literatura em torno da adolescência vem investigando a depressão como condição clínica mais comumente vinculada ao suicídio. Benetti et al. identificaram a depressão como uma das temáticas mais frequentes nos estudos, indicando maior prevalência deste quadro de

sofrimento psíquico entre os jovens, em comparação com a população adulta, somada à dificuldade diagnóstica pelas semelhanças entre manifestações clínicas e características comportamentais comuns a esta faixa etária. Além disso, a relação de causalidade em torno da depressão dos adolescentes dialoga com o suporte familiar precário, expressões contemporâneas da cultura e mudanças psíquicas próprias desta fase da vida (ROSSI, 2019).

No que se refere às principais demandas de saúde dos adolescentes, considera-se que a saúde mental tem sido tema emergente na atualidade, uma vez que a prevalência do sofrimento psíquico nessa população tem aumentado significativamente nos últimos anos. Nessa direção, estudos sinalizam para a necessidade do investimento em políticas públicas, pesquisas e estratégias de cuidado que visem a promoção à saúde mental dos adolescentes, principalmente quando se trata de países em desenvolvimento (SOUZA, ALMEIDA, 2021).

Freud (1914/1972) afirma que enquanto na infância o sujeito é constituído a partir do ideal do eu do par parental, encarnado nas suas primeiras figuras de idealização e de identificação na saída do Édipo, a adolescência corresponde ao momento em que as idealizações começam a cair e que a ameaça de castração volta a aparecer. Dessa forma, o adolescente se encontra com o fracasso dos ideais infantis encarnados em seus pais e até mesmo em algumas figuras de seu contexto social, como os professores, profissionais que compõem a equipe psicopedagógica e gestores escolares (COUTINHO, 2015).

Com a entrada na modernidade líquida (Bauman, 2001) e como ela tem significado a vida, com velocidade, imagem e sucesso, o sujeito adolescente, que manifestar qualquer sintoma de mal-estar ou sai do “comportamento” idealizado, é silenciado ou rotulado em categorias patológicas sem que seu discurso e singularidade encontrem lugar.

Segundo Abramovay (2008), o desafio, atualmente, demonstra ser o de encontrar meios para tecer a continuidade, construindo uma experiência de tempo que possibilite passar pela variedade e pela mudança sem se perder. Assim, os jovens vivenciam uma época de profundas transformações de cunho econômico e moral, que afetam de um modo resistente e complicado, sua transição para a vida adulta. Para mais, sofrem as contradições deste tempo, visto que as incertezas próprias da idade são atravessadas pelas incertezas desta época, que é marcada pela subjetividade, fragmentação e ritmos desiguais. Nesse sentido, essas questões permeiam o espaço escolar gerando conflitos e elaborações que refletem no desenvolvimento do aluno.

Lajonquière (1996), discute a questão do fracasso escolar e da indisciplina no cotidiano escolar, pontuando que essas questões revelam o excesso de idealização presente na educação. O autor aponta que a indisciplina e o fracasso tendem a sustentar uma imagem do aluno que não se encaixa no padrão ideal e foge do imaginário escolar. Esse imaginário escolar opera como agente de um outro maior, o imaginário social, no qual o sujeito é posto em um lugar de satisfazer toda a potência imaginária que é investida nesse aluno (LAJONQUIERE, 1996).

O trabalho pedagógico é movido em torno de idealizações, a instituição trabalha bloqueando qualquer contradição dessa convicção idealista. Essa verdade retorna por efeito de sintoma e manifesta-se na violência, na angústia e nas diversas formas de sofrimento mental (MANNONI, 1988). Dessa forma, a psicanálise opera na emergência de um novo saber alusivo ao inconsciente que contribua com a reconexão do processo de significação do mundo e dos fenômenos, por parte do estudante.

As discussões em torno das contribuições que a psicanálise tem a oferecer à educação vão no sentido de abrir espaço para o sujeito na escola. Pensar o caminho da educação e psicanálise implica em evitar um viés que visa um controle do processo educativo, e sim adentrar em um campo que lida com a desordem, com uma relação de ensino para além do que é deliberado.

Em *O mal-estar da civilização* (1930/1996), Freud indica como a principal causa do sofrimento humano as relações entre os homens. Nesse sentido, o mal-estar da civilização corresponderia ao mal-estar nos laços sociais. O outro torna-se fonte de sofrimento, uma vez que, em sociedade, o sujeito é convocado a renunciar muitos de seus desejos, causando então uma permanente sensação de mal-estar e frustração. Se essa “frustração cultural” (Freud, 1930/2006, p. 104) não é compensada de alguma forma, corre-se o risco de se desencadear um desequilíbrio causador de graves quadros sintomáticos. Diante dessa dificuldade de se relacionar com o outro, o adolescente, frequentemente, busca o isolamento como uma saída para a carência de objetos de amor e de identificação.

Em tal contexto, a psicanálise propõe-se intervir, oferecendo a palavra e promovendo a associação livre de saberes inconscientes, a fim de que possa advir alguma reconciliação dos sujeitos com seus desejos singulares. O desafio da psicanálise em sua aplicação no campo da educação consiste, portanto, em criar um respiradouro no seio do espaço institucional, em que a singularidade finalmente se inscreva (SANTIAGO & ASSIS, 2018).

Dessa forma, a escola, em sua função de transmissora de conhecimento, necessita fazer um movimento de sair da posição de não lidar com o particular para incluir o sujeito. Nesse sentido, privilegiar o real dos sintomas desarranjando o ambiente institucional, que é orientado por normas e práticas simbólicas consolidadas, para incluir, de outra forma, irreconciliável do que afeta, visto que, este constitui, igualmente, o mais particular de cada sujeito (SANTIAGO & ASSIS, 2018).

A partir desse olhar para o contexto educacional e o contexto pandêmico, o presente estudo se propõe a analisar os impactos da pandemia no processo educacional de adolescentes, com a finalidade de acessar os significantes presentes nos discursos de adolescentes. Tendo como objetivo Geral: Analisar nos discursos de estudantes adolescentes de uma escola pública do município de Campina Grande- PB os impactos da pandemia na vida e no processo educacional deles. E objetivos específicos: Analisar nos discursos de estudantes adolescentes os impactos da pandemia em suas vidas; analisar como está ocorrendo o acesso aos meios remotos e a utilização deles no processo educacional no ambiente doméstico; analisar os discursos de estudantes adolescentes os impactos da pandemia em seus processos de socialização com os pares e com os professores e identificar quais as maiores dificuldades no processo de escolarização por meios remotos e em tempos pandêmicos.

3 METODOLOGIA

Frente ao contexto crítico da pandemia do COVID-19 e de seus efeitos nas práticas educacionais, foi colocada a necessidade urgente do distanciamento social e a prevenção de aglomerações. As escolas foram fechadas e, atendendo a demandas sociais e econômicas, muitas instituições passaram a aplicar diferentes estratégias na tentativa de garantir à distância a continuidade do processo de escolarização. Nesse período caracterizado pela urgência e prioridade, a psicanálise se apresenta como um meio possível de acolher as demandas que surgem. Deste modo, demonstra a importância da oferta de espaços de escuta para o sujeito na escola, reconhecendo o singular que se manifesta em cada sujeito.

Partindo dessa perspectiva, este estudo trata de uma pesquisa de campo, de base qualitativa, orientada sob o referencial psicanalítico de análise de discurso. A pesquisa foi realizada em uma escola pública do ensino fundamental do município de Campina Grande – Paraíba. Os alunos da Escola de Ensino Fundamental, foram convidados a colaborar com a pesquisa através de entrevista de forma virtual, participando conforme seu interesse e

disponibilidade. Foi realizado contato com as turmas do quinto ao sétimo anos do ensino fundamental e treze (13) estudantes se dispuseram a participar da pesquisa.

A referente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (CEP/UEPB-CAAE: 42830620.2.0000.5187), considerando-se os procedimentos éticos para a realização de pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). Além disso, seguiu-se as recomendações propostas para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual de acordo com o Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS (Brasil, 2021).

Foi utilizado um questionário para obter dados que integram o perfil do participante (faixa etária, gênero, série, componentes curriculares que têm mais afinidade) e realizada uma entrevista, semi-estruturada com sete questões que abordavam conteúdos sobre os impactos da pandemia, isolamento, perdas na pandemia, estudos em domicílio, acesso aos meios remotos, comunicação com professores e colegas.

Foram realizadas entrevistas individuais, de forma online, através da plataforma Google Meet. Foram utilizados dois termos: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a autorização dos responsáveis e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os alunos que se dispuseram voluntariamente a participar da pesquisa.

As respostas ao questionário foram organizadas em frequência, caracterizando o grupo estudado. A análise do discurso adotada foi fundamentada na teoria do discurso de Freud e Lacan. O foco da análise são os processos inconscientes. Para Lacan, em sua releitura da teoria freudiana, o inconsciente é estruturado como linguagem, esta tem um suporte material (acústico) e simbólico (conceitual) e segue uma lógica construída pelo próprio sujeito.

Para o estudo da lógica inconsciente, Lacan se inspirou nas produções da teoria linguística de Ferdinand Saussure, este postulava que o significado atrelado a um significante daria origem ao signo. Entretanto, para tratar dessa questão no campo do inconsciente, Lacan (1998) subverte essa associação significado/significante, conferindo primazia ao primeiro (o significante) na produção do segundo. Assim, para Lacan o significante prevalece sobre o significado, que lhe é secundário, e se produz somente a partir da articulação entre os significantes realizada pelo sujeito.

A análise do discurso foi conduzida pelos pesquisadores. Inicialmente foi realizada uma leitura de todas as respostas das entrevistas. Posteriormente, foram feitas análises do discurso destacando as cadeias significantes e os sentidos apresentados pelos próprios sujeitos em relação aos pontos abordados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A crise sanitária causada pela pandemia impôs a necessidade do distanciamento social e, conseqüentemente, exigiu novos arranjos, na tentativa de sustentar a escola de forma remota. Com os alunos em seus lares, visto que, não era possível estar presencialmente na escola, o estudo passou a acontecer de maneira online e dentro do espaço doméstico.

Essa transição de aulas presenciais para aulas remotas trouxe grandes mudanças no processo de escolarização, tendo-se em vista que cada uma dessas formas de condução da escolarização, tem suas especificidades. Assim, foram evidenciadas dificuldades e desafios quanto às alternativas utilizadas para manter atividades de ensino de forma remota.

A continuidade do processo de escolarização passa a depender de estratégias que utilizam os meios virtuais. O advento da pandemia impõe que, mesmo temporariamente, todas as escolas se adaptem rapidamente a tais recursos. Desse modo, professores e alunos se desdobram para realizarem suas tarefas sem sair de casa. Em meio a esse movimento, surge a precariedade de acesso a ferramentas tecnológicas para os alunos assistirem às aulas. Dos

entrevistados, com exceção de uma aluna que usava computador, todos os demais assistiam às aulas pelo celular, relatando muitas interferências nos aparelhos e na conexão da internet.

Em vista disso, a aplicação massiva do ensino remoto gerou grandes desafios para todos os envolvidos. Levando em consideração a realidade brasileira, este ponto evidencia a desigualdade social que afeta o país e atravessa a escola. Logo, para muitas famílias, a precariedade de recursos impossibilitou a continuação da escolarização enquanto as aulas presenciais estavam suspensas. Essa questão é refletida nas seguintes falas de uma aluna: *“Ta ficando ruim, não tenho internet em casa(...) uso internet do vizinho, mas tenho que ficar fora de casa para o sinal pegar no celular”*.

Dentro dessa perspectiva, o ensino à distância, mediado por telas, assegura que alguma comunicação se estabeleça. Porém, a redução do contato a duas dimensões limita a profundidade dos encontros e, no caso da escola, parece fragilizar a separação desejável na formação do sujeito-aluno. Os estudantes entrevistados se sentem prejudicados e com muitas dificuldades com a forma que é realizada o Ensino remoto tais como são ilustradas nas falas: *“A presença dos professores era mais afetiva e segura”, “Era mais fácil para fazer as atividades com a professora ensinando, não que não ensine no Meet, mas preferia na escola, presencial”*. *“A gente não tem tanto apoio quanto no presencial”*.

Assim, com esse afastamento da materialidade das instituições, o aluno é marcado pelo risco de completa imersão no contexto domiciliar, isolando-se na intimidade de seu espaço, não mais integrando uma totalidade. Sustentando um lugar de captura do universo familiar, já que a escola remota também passa a comparecer no ambiente doméstico, o aluno precisa lidar com mais restrições impostas pelas obrigações de ser e permanecer sujeito nessa circunstância que exala desordem.

Na análise dos discursos dos alunos entrevistados observou-se o predomínio de impactos negativos decorrentes do isolamento social. Os adolescentes relataram que estavam tendo dificuldades na adaptação ao novo sistema e indicaram sinais de sofrimento: *“O isolamento está sendo bem difícil”, “Bem chato, triste, sem amigos, sem poder sair”, “Está ruim”*. Foi relatado muita dificuldade de concentração, sentimento de atraso acadêmico, ansiedade, a presença de muito barulho no ambiente doméstico e falta de rotina e preparação para assistir às aulas.

Nesse sentido, se vivencia uma angústia no processo de ensino remoto, que é colocada para o aluno absorver todo o contexto atual e ao mesmo tempo dar conta do seu processo escolar: *“A gente está no meio de uma pandemia, muita gente morrendo, crises de ansiedade, preocupações.” (...)* *Acho que a escola está confundindo a educação com passar atividades, tem muitas atividades. A gente está em uma pandemia e a escola é mais uma preocupação”*.

Em relação a comunicação com os professores, muitos adolescentes se sentiam envergonhados em participar das aulas remotas, não ligavam as câmeras e quando participavam da aula era através do Chat. Apenas dois disseram se comunicar bem com os professores. Na comunicação com os colegas, foi mencionada a importância da rede social *whatsapp*, mas metade do grupo não conseguiu se comunicar com os colegas. Vale ressaltar, que muitos desses estudantes não conheciam os seus colegas, visto que, com a mudança de séries ou até mesmo de instituição durante o período da pandemia, o contato estabelecido com os colegas era mantido de forma virtual.

A psicanálise opera no campo educacional oferecendo um lugar para o sujeito, por meio da escuta. Nesse sentido, à medida que as questões se apresentam em palavras, é possível descobrir o saber fazer. Aparece no discurso o lugar do estudante na escola, como é expressado na fala: *“Dizem o que é pra gente fazer, eles não estão ensinando a gente a ter autonomia, não estão educando, é essa a sensação que tenho (...) “ porque todo o momento do ensino somos ensinados a ficar quietos, não ser criativo e nem expressar ideias e está sendo complicado, e não é só o EAD”*.

A partir da análise da fala, compreende-se a demanda que é levada à escola, sinalizando um apelo em ser percebido no processo de escolarização. Nessa perspectiva, é pela palavra que o sujeito se revela e as queixas se transformam em questões para a construção, co-responsabilizada, de todos que dela fazem parte.

Freud (1980) já colocava a impossibilidade da tarefa de educar, uma vez que não tem como o saber animar o desejo, o saber tem que ser animado pelo desejo de saber. Assim, a partir da psicanálise não se ensina, se transmite. A transmissão se faz via transferência. O aluno deve, pois, supor no professor um saber, a partir dessa suposição ou de sua ausência, o professor fundar-se-ia, ou não, como uma figura de referência. Dessa forma, há de se reconhecer o aluno inscrito por marcas primordiais que o constituirá como sujeito (KUPFFER, 2001). O processo transferencial, necessário para condução das práticas na escola, estão abaladas pelas novas configurações, enfraquecimento da metáfora paterna, o imperativo do gozo, a diluição das identificações e conseqüente dificuldade em torno da figura do professor e sua relação com os estudantes.

À medida que os profissionais da educação possam estar atentos à relação transferencial estabelecida com o aprendiz, considerando o esfumaçamento dos ideais, poderá conduzir o processo de trabalho no contexto escolar, acompanhando as sinalizações particulares no direcionamento da construção de conhecimentos. A escola, então, passaria a ser lugar não só de informação, mas também um espaço de criação, no qual o inesperado pode advir como fragmento constituinte de um sujeito, e assim como possibilidade (KUPFFER, 2001).

Uma atuação educativa que supõe a existência de um sujeito singular, possibilita a equipe de profissionais da escola trabalhar de forma a não considerar o desempenho de seus estudantes a partir de níveis ideais de desenvolvimento, mas visa ultrapassar posições de descrença na capacidade e potencialidade de sujeitos desejantes, para que eles possam vir, como puderem, se representar no discurso social (KUPFFER, 2001).

Os desafios para as instituições de educação são inúmeros, das questões estruturais às subjetivas, fazendo-se necessário análises e suportes para a descoberta de possíveis fazeres, para isso é necessário abrir espaço para o dizer, pois só a partir da escuta daqueles que estão vivenciando esse processo é que se poderá descobrir meios possíveis para a escolarização e para a saúde mental.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um recorte do panorama histórico até os dias atuais aqui traçado, os apontamentos mostram que o sistema educacional brasileiro, apesar de reformas e movimentos em prol da educação, ainda necessita de políticas e investimentos que acompanhem a atmosfera das discussões atuais. Assim, coloca-se em questão o contexto pandêmico, caracterizado por desafios que repercutem diretamente no cenário educacional e vem gerando impactos na vida dos alunos. Além disso, nos discursos dos entrevistados evidenciou-se que o ensino remoto revela desigualdades históricas existentes no processo de escolarização e atualmente operam de uma forma mais negativa na vida dos estudantes.

Encontrou-se a repetição frequente nas falas dos significantes: online, escola, ensino, atividades, celular, internet. Sinalizaram ainda, a falta de espaço na escola para a subjetividade dos alunos e a necessidade da construção de novas amarrações para a metodologia de ensino. Vale ressaltar, que nesse contexto a gestão da escola e os professores enfrentam inúmeros desafios para sustentar, de algum modo, o lugar da escola e da escolarização para os estudantes.

Por conseguinte, este estudo abriu para uma discussão atual, em que a pandemia se apresenta como um marco de possíveis mudanças no ensino público brasileiro. Porém, para

que ocorra as mudanças, torna-se necessário investir, principalmente, no sujeito que integra os processos de ensino e aprendizagem, ou seja, alunos, professores, gestores. Também é importante o investimento nas novas tecnologias, na utilização de internet nas escolas pelos alunos, como fonte de pesquisa, aprendizagem, interação e descobertas.

Nesse sentido, essas transformações podem gerar novas experiências para o contexto educacional, deixando novos desafios que ultrapassem as grandes desigualdades sociais que marcam o país. Convocando às políticas de investimento meios que ofereçam de forma justa e com qualidade, acesso às novas possibilidades. Assim, a escola poderá trabalhar as desigualdades, oferecendo tecnologia e acesso aos alunos das classes mais populares – ferramentas para desenvolver o ensino em novas amarrações.

A problemática aqui apontada como objeto desta pesquisa demanda e possibilita articulações em vários campos, entre eles a Psicanálise. A partir da perspectiva psicanalítica, pode-se tecer considerações fundamentais sobre a relevância da subjetividade do sujeito no processo. Para tanto, é importante que os impactos dessa experiência sejam nominados e endereçados. Dessa forma, colaborar com esses processos, no contexto educacional, é uma contribuição significativa para a comunidade educativa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M.G. **Juventude, Juventudes: o que une o que separa**. Brasília: UNESCO. 370p. 2008.

ALVES, G. M.. **A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma**. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2008. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/GabrielaMacileAlves.pdf>>. Acesso em: 13/03/2022.

ALTOÉ, S.; MILENE, M. **Algumas questões da clínica com crianças e adolescentes**. In: CALDAS, H.; ALTOÉ, S. (Orgs.). *Psicanálise, Universidade e Sociedade*. Rio de Janeiro: Cia de Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2011.

BARBOSA, D. R.; SOUZA, M. P. R. **Psicologia Educacional ou Escolar? Eis a questão**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. São Paulo, v. 16, n. 1, p. 163-173, jan./jun. 2012.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Brasil. (2012). **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

BITTAR, M., & BITTAR, M. **História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade**. <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/17497/pdf>. Acesso em 12 mar 2022.

BRUINI, E. da C. **Educação no Brasil**. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>. Acesso em 12 de março de 2022.

CAVALIERE, A. M. **Entre o pioneirismo e o impasse: a reforma paulista de 1920**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 27-44, jan./jun. 2003.

COSTA, T. **Édipo**. Psicanálise Passo-a-Passo;89. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

COUTINHO, L.G, **O adolescente e a educação no contemporâneo**: o que a psicanálise tem a dizer, Cad. Psicanálise. -CPRJ, Rio de Janeiro, v. 37, n. 33, p. 155-174, jul. /dez. 2015

DAVID, CM., et al., orgs. **Desafios contemporâneos da educação** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica. Desafios contemporâneos collection, 370 p. ISBN 978-85-7983-622-0. Available from SciELO Books. 2015.

FERGUSON, Neil et al. Report 9: **Impact of non-pharmaceutical interventions (NPIs) to reduce COVID19**. mortality and healthcare demand. 2020.

Freud, S. (1930). **O mal-estar na civilização**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística do Questionário Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil - Educação Básica**. Brasília: Inep, 2021. <https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_pesquisa_covid_19_censo_escolar_2020.pdf. Acesso em: 10 fev. 2022.

KUPFFER, C. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2001.

FREUD, Sigmund. **Prefácio à “Juventude Desorientada” de Aichhorn**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. Volume 19.

JORGE, M. A. C. **Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos**. In: RINALDI, D.; JORGE, M. A. C. (Orgs.). Saber, verdade e gozo: leituras de O Seminário, livro 17, de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

LAJONQUIERE L de., **A criança, "sua" (in)disciplina e a psicanálise**. In J. G. Aquino (org.). A indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas (pp.25-37). São Paulo, SP: Summus. 1996.

MARTINS, A. M. S. A. **educação libertária na primeira república**.2010.https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/angela_maria_souza_martins_artigo_0.pdf .Acesso em: 10 janeiro,2022.

MANNONI, M. **Educação impossível**. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.(1988)

SANTIAGO, A. L., & ASSIS, R. M. **O que esse menino tem? Sobre alunos que não aprendem e a intervenção da psicanálise na escola**. Belo Horizonte: Sintoma. (2018).

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em: fev. 2022

ROSSI, L. M. et al. **Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem**

vive. Cadernos de Saúde Pública [online]. 2019, v. 35, n. 3 [Acessado 18 Março 2022] , e00125018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00125018>>. Epub 11 Mar 2019. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00125018>.

SAVIANI, D. **A escola pública brasileira no longo século XX (1890-2001)**. Trabalho realizado com apoio do CNPq. III Congresso Brasileiro de História da Educação. Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2004.

SANTOS. E. G.D, SADALA, M. D. G. S. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 555-568, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/Tnn5FRkNGj7znJ5tH3bmTWM/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 15 de março de 2022.

SILVA, D. A.; SANTOS, L. E. **Caleidoscópio da memória: a educação anarquista redescoberta no arquivo**. João Pentead. Cadernos CERU, série 2, v. 20, n. 1, jun. 2009.

SILVA A. F. M., L. PACHECO. **Comunicação Não verbal na escola: um instrumento de identificação de escolares em sofrimento mental: uma revisão integrativa de literatura**. Revista Psicologia & Saberes ISSN 2316-1124 v. 9, n. 19, 2020.

SOUZA, T. T., de ALMEIDA, A. C., Fernandes, A. D. S. A., & Cid, M. F. B. Adolescent mental health promotion in latin american countries: An integrative literature review. *Ciencia e Saude Coletiva*. 2021)

TFOUNI, L. V.; LAUREANO, M. M. M. **Entre a análise do discurso e a psicanálise, a verdade do sujeito**. Investigações, Recife, v. 18, p. 131-147, 2005.

7 APÊNDICE

Dados e Questões da entrevista:

- Idade
 - Série
 - Repetência
 - Com quem mora
 - O que gosta e o que não gosta na escola
 - Componentes curriculares que mais gosta
- 1- Quais os impactos da pandemia em suas vidas (como está sendo o isolamento?)?
 - 2- Você perdeu alguém próximo?
 - 3- Como está ocorrendo o acesso aos meios remotos (celular/computador)?
 - 4- Como está sendo estudar em casa?
 - 5- Como está sendo a comunicação com os professores?
 - 6- Como está sendo a comunicação com seus colegas/amigos?
 - 7- Quais as maiores dificuldades para estudar com meios remotos nessa pandemia?

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia, pelo apoio teórico-metodológico na fase de desenvolvimento e aprimoramento do projeto de pesquisa relacionado a este estudo e por toda parceria durante a graduação.

Aos professores e profissionais que fizeram parte da minha formação, contribuindo com diversos ensinamentos ao longo de toda a graduação.

À toda minha família, e aos meus amigos que estiveram comigo e me acompanharam durante todo o meu percurso acadêmico.